

ARTE CONTEMPORÂNEA:

Três perspectivas atravessadas pelo prefixo (des)

Sandro Bottene

Possui formação em Artes Visuais: Licenciado (DELAC/UNIJUÍ/2009) e Bacharel (DHE/UNIJUÍ/2012) pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; Especialista em Cultura e Criação (SENAC/2011) pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; e atualmente é mestrando (CAL/PPGART/UFSM) pela Universidade Federal de Santa Maria, Linha de Pesquisa em Arte e Visualidade. Investiga a poética da pintura e suas relações sobre transitoriedade, permanência e efemeridade levando em conta a imagem simbólica do cacto. Tem experiência na área de Artes, subárea de Artes Visuais, com ênfase em Cultura e Criação, História da Arte e Pintura, atuando principalmente nas seguintes Poéticas: Instalação, Intervenção, Livro de Artista e Pintura. Atua no Grupo de Pesquisa Arte Impressa - UFSM, Linha de Pesquisa Livro de Artista: Experiências Gráficas com o Livro Protótipo e no Grupo de Pesquisa em Artes: Momentos Específicos - UFSM, Linha de Pesquisa Poéticas Visuais.

Resumo: O presente artigo trata, de modo geral e breve, sobre a Arte Contemporânea e suas propriedades atuais discutindo seu panorama através da possibilidade do viés de três perspectivas. A abordagem constitui-se, inicialmente, pelo ponto de vista da descontinuidade das narrativas, prossegue com o deslocamento paradoxal no embate entre arte e vida e finaliza com o desdobramento da arte como esfera global. Investigar questões conflitantes sobre sua fórmula torna-se o objetivo central para compreender a dimensão da esfera emergente da arte na qual estamos submersos. O método da escrita fundamenta-se por meio de teorias contemporâneas debatidas pelos principais pensadores, críticos e historiadores de arte contemporânea.

Palavras-chave: Arte Contemporânea, Narrativa, Embate, Globalização.

CONTEMPORARY ART:

Three perspectives crossed by prefix (des)

Abstract: This paper deals generally and briefly, about the Contemporary Art and its current properties, discussing its landscape through the possibility of obliquity of three perspectives. The approach constitutes itself, initially, from the standpoint of the discontinuity of the narratives, continues with the paradoxical displacement in the clash between art and life and ends with the unfolding of art as global sphere. Investigate conflicting issues about its formula, becomes the main goal to understand the scale of the emerging sphere of art in which we are submerged. The method of writing is based on the contemporary theories discussed by the main thinkers, critics and historians of contemporary art.

Key-word:. Contemporary Art, Narrative, Clash, Globalization.

Introdução

A Arte Contemporânea é marcada por antíteses, uma vez que interrompe o fluxo da continuidade, “brinca” com o sentido dos objetos e dobra infinitamente suas ações. É

a arte da volta e da reviravolta, da ausência e da presença, da fragmentação e da colagem. Assim é a arte atual: sempre subvertendo todas as regras. Neste “jogo” de “vale-tudo”, usando o prefixo [DES] – com papel de controverter – o artigo procura discutir três perspectivas: a falta de continuidade das narrativas convencionadas a uma história da arte ordenada; a fusão da arte e da vida com o deslocamento da produção estética pela apropriação de objetos do cotidiano e a globalização da arte rompendo fronteiras e territórios.

Investigar tais fragmentações contribui para a compreensão das artes visuais tanto no caráter de artista como de espectador. Além disso, é fonte de conhecimento teórico para o aprimoramento como pesquisador. O objetivo maior não se trata de definir conceitos, mas de propor discussões em torno da esfera da arte atual. Assim, este pequeno discurso compõe-se de autores e pensadores que discutem tais perspectivas com grande relevância no âmbito da Arte Contemporânea. Arthur Danto (2006) e Hans Belting (2012) com enfoque no fim da história da arte; Walter Benjamin (1969), Zygmunt Bauman (1998), David Harvey (2012) e Néstor García Canclini (2012) com as implicativas da pós-modernidade; Stuart Hall (2006) e Nicolas Bourriaud (2011) com as questões de identidade, do multiculturalismo e da arte global.

(Des)continuidade: o fim das narrativas

A palavra continuidade denota a indicação de fluxo contínuo, de ação coerente, de sequência ordenada ininterrupta. Com o acréscimo do prefixo [des], a palavra sinaliza o seu oposto: a descontinuidade. É nesta oposição que a Arte Contemporânea apresenta seu discurso, ou seja, de que não há uma linha de continuidade clara e perceptiva em seu âmbito, ao não ser justamente esta falta de direção.

A Arte Contemporânea surge como sopro de vida no início da década de 60 com algumas mudanças na produção de obras e no posicionamento de artistas – os quais serão discutidos também no próximo item deste artigo. No entanto, ela se firma como nova tendência aproximadamente em meados dos anos 70 quando fica difícil a distinção da produção com os cânones clássicos do modernismo tidos como universais – os quais serão tratados no terceiro e último item.

Partir da ação de definir, que significa ato de limitar ou demarcar, torna-se totalmente incoerente para iniciar uma abordagem sobre Arte Contemporânea. Mesmo assim, teóricos e pensadores a fazem e o texto aqui pode insinuar tal ação. A estrutura –

da qual já se comentou e talvez não exista – consiste em denegar conceitos ou definições acerca da tendência que não estipula limites, nem regras, nem materiais ou suportes. O que caracteriza a arte atual é a quebra de territórios, é o trânsito livre, é a subversão. A Arte Contemporânea torna-se uma expressão que está em constante apropriação (in)devida, citando o velho e (re)criando o novo, ressignificando o trivial, valorizando e banalizando diversos contextos; ela se instaura como uma esfera sem fronteiras e sem precedentes como ação legitimadora.

As transformações da arte atual ou arte pós-moderna – entendida como segmento moderno por alguns teóricos, digna de louvor, abarca a cessação cronológica de uma história da arte. Nas palavras de Danto (2006, p. 15) – teórico renomado no assunto – “qualquer coisa jamais feita poderia ser realizada hoje e ser um exemplo de arte pós-histórica”. Trata-se do fim da história da arte. Ocorre, sim, uma perda no seu rumo sequencial e, não exatamente o fim da arte. Por isso, segundo ele, vivemos um momento da não existência das narrativas clássicas, com as quais estávamos confortavelmente habituados e, de certo modo “viciados” na proliferação dos “ismos” desde o século XIX. Não há mais, segundo o autor, uma história da arte. O que denomina ela como pós-histórica é sua independência enquanto história. Para Danto (2006, p. 38), arte pós-histórica é o fechamento de um ciclo, “reside no término da Era dos Manifestos”. A produção artística contemporânea não precisa mais necessariamente de uma cartilha ou documento que justifique sua fundamentação.

Sobre esta descontinuidade, Aumont (2004, p. 66) – teórico de cinema – menciona a “diferença radical das ‘novas imagens’, cujo tempo é ‘interativamente’ controlável, quase deformável”. Não há mais uma linha unilinear. As narrativas da pós-modernidade são fragmentos de imagens descontínuas que podem ser acessadas em qualquer ponto do tempo e organizadas de tal modo que sempre gere uma nova narrativa, se é que ainda se pode afirmar que se trate de tal.

A propósito, pensando na criação de [novas] narrativas, Belting (2012, p. 35) – outro estudioso e historiador da questão – aborda o fim da arte relacionando a arte como *imagem*, “um acontecimento que encontrava na história da arte o seu *enquadramento* adequado. O ideal contido no conceito de história da arte era a narrativa válida do sentido e do decurso de uma história universal *da arte*”. Assim, a perda desta moldura ou a classificação de um tipo de narrativa baseada em imagens delinea o fim de uma tradição. A substituição de uma história da arte única por várias histórias da arte, sem conflito, marca as tendências artísticas contemporâneas. Por isso, “quando a imagem

hoje é retirada do enquadramento, pois ele não é mais adequado, alcançou-se então o fim justamente daquela história da arte da qual falamos aqui” (Belting, 2012, p. 35). As imagens deixam a veneração e passam à apreciação estética. Assim, sempre houve e haverá arte antes e depois da “era da arte”. Abordar Arte Contemporânea é tratar da sucessão de fenômenos da desordem, do ininterrupto; é deturpar a figura da arte e contestar uma história linear.

Sobre a linearidade, Bauman (1998, p. 121) descreve que o mundo pós-moderno está em movimento, “mas os movimentos parecem aletórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada”. Para o autor, as artes da “linha de frente”, características do modernismo pelas vanguardas, não existem mais. Sendo assim, fica impossível saber qual o movimento para frente (avanço) e qual o retrógrado (atraso). Por isso, falar em “vanguarda” pós-moderna é equívoco, pois o termo significa o que vem na frente. A Arte Contemporânea é desprovida de direção, pois não possui mais uma linha unilinear para conduzir a arte.

A descontinuidade, aqui, trata da interrupção das narrativas. Narrativas estas conhecidas no padrão clássico da história da arte. Mammì (2012, p. 19) também constata, em seu ensaio “Mortes recentes da arte”, publicado inicialmente em 2001, baseado em teorias de Danto, Bening, Argan e Hegel, que o trânsito livre entre estilos interrompe a noção ordenada “na medida em que a questão já não seria mais como representar o mundo, mas como representar, digamos assim, a própria arte, ou seja, expressar na obra os limites e os sentidos do fazer artístico”. Diante disto, seria correto afirmar que o rumo da continuidade da arte consiste justamente na frequência de suas sucessivas frações e reorganizações descontínuas do espaço-tempo? Por isso, “a morte” é tratada como o fim de um modo de pensamento. A mudança no discurso caracteriza-se pela dissolução da imagem no ambiente atual que, por sua vez, dá início a uma nova fase delimitada, digo melhor, liberada de limites em todos os aspectos, inclusive da (des)construção de uma “história”.

(Des)locamento: o embate da arte como vida e da vida como arte

Partindo do ponto de vista da desconstrução da história, a arte migrou ou deslocou-se para o espaço do cotidiano. Não que ela nunca fizesse parte deste, mas de certo modo, a Arte Contemporânea aproximou-se da vida como nunca antes tinha se percebido. A distinção estética de objetos artísticos e objetos da vida desapareceu. O

embate na arte atual constitui-se como uma fusão indissociável de formas presentes na ilusão da arte com as da realidade.

Este desvio é reflexo de experimentos desenvolvidos no início do século XX pelo artista Marcel Duchamp (1887-1968) e seus *ready-made* que zombavam da estética do belo – cânone tradicional das artes visuais. Este novo tipo de “objeto” – que mais tarde passou a ser chamado de *antiarte* e aceita como parte da história da arte – eliminou a distinção entre objeto de arte e objeto cotidiano. Ele é considerado a aurora das tendências da arte da pós-modernidade, principalmente por levar o espectador a mudar sua posição convencional na recepção de tal forma. Nos anos 60, Andy Warhol (1928-1987) levou tais questões ao extremo – ou reforçou a aproximação da arte com a vida – quando questionou a originalidade em seus trabalhos produzindo reproduções de imagens que incitavam a propagação do consumismo, a banalização da autenticidade e o descarte da mão do artista na prática manual.



Figura 1 - Marcel Duchamp, *Escorredor*, 1914. Foto: KRAUSS, 1998, p. 89.

Figura 2 - Andy Warhol, *Brillo Box*, 1964. Foto: ARCHER, 2001, p. 9.

Outra mudança de direcionamento na esfera artística é que cada vez mais a arte passou a questionar os problemas e contextos presente no dia a dia das pessoas. Segundo García Canclini (2012, p. 220), “a expansão da arte fora de seu campo, a democratização das relações sociais e a reutilização econômica, política ou midiática dos trabalhos artísticos criaram uma zona de intersecção entre artistas e espectadores”.

O artista passou a explorar temáticas que estabelecessem um contato com o mundo do receptor. O deslocamento de trabalhos do espaço de galerias e museus – circuito expositivo tradicional – para o espaço aberto e público também reforçou este deslocamento que trazia a arte a lugares banais e passageiros como ruas, praças e outros ambientes habituais de circulação.

Mas o problema vai além, segundo Jimenez (2000, p. 16), o público “vê na arte uma maneira de romper com a vida cotidiana”. Isto acaba por desnortear completamente o público, alterando sua atitude de percepção, pois, se este está acostumado, muitas vezes, com a fuga para o mundo da fantasia – criado pelos tradicionais objetos da arte – da sua vida funcional proporcionado pelo mundo ilusório da arte passa a não mais encontrar sentido em mergulhar em tal universo artístico para contemplação se não há mais tal distinção.

Esta falta de distinção entre objetos do cotidiano e da arte, da sua reprodução em massa e da troca do espaço de exposição acarreta na “destruição da aura” discutida por Benjamin (1969, p. 169) no texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. “A forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência”. A aura, segundo o filósofo, composta por elementos espaciais e temporais, se perde com a reprodução, a transitoriedade e a repetibilidade.

O artista contemporâneo, a partir deste deslocamento conflituoso, passou a produzir obras incompletas, ou seja, os artistas apresentam uma abertura necessária para que o espectador seja convidado a interagir e fruir. Eco (2003, p. 177) comenta que a abertura “é a garantia de um tipo de fruição particularmente rico e surpreendente”. Cada receptor contribui com suas experiências simultaneamente experimentadas e sentidas levando informações de sua vida à arte e vice-versa.

A passagem da arte à vida também acarreta na imediatidade. Os sintomas da rotina acelerada acabam implicando em experiências efêmeras. Os próprios materiais são perecíveis e a condição de interatividade denota fugacidade, emergência e passagem. Para Harvey (2012, p. 263), “a volatilidade e a efemeridade também tornam difícil manter qualquer sentido firme de continuidade”. O elemento volátil, gasoso comparado com a vida, rompe e deforma a permanência. A quebra da constante se desloca com o embate: o que era eterno torna-se transitório. A desmaterialização e o passageiro são questões da descontinuidade – já comentado – do espaço-tempo e fazem com que não se possa ter algo durável ou constante na arte.

(Des)dobramento: a globalização da arte

A Arte Contemporânea parece infinitamente criar dobras e é através do viés do desdobramento desses vincos que a margem do seu curso se direciona. Tentar entender estes desdobramentos é responder como a arte atual continua desbravando territórios. O rompimento de distâncias, de fronteiras e do espaço-tempo cambia o acelerado mercado e instaura-se como globalizada.

Para tratar da arte global, referência ou nova tendência da Arte Contemporânea, deve-se entender que sua prática deixou de se limitar em alguns territórios como no passado – poucos por assim dizer. Hoje ela percorre todos os espaços, tanto a periferia quanto os grandes centros. A globalização da arte deu-se, segundo Bourriaud (2011, p. 168), quando a economia tornou-se expandida e acelerada com a queda do muro de Berlim em 1989. Para o autor, “a unificação da economia mundial automaticamente acarretou uma espetacular uniformização das culturas”. No entanto, esta uniformização não aborda o aspecto da cultura como universal, como modelo modernista que difundiu o universalismo como estética. No contemporâneo a arte não quer ser universal enquanto forma, mas sim enquanto prática cultural. Assim o que é válido para um país, talvez não seja necessariamente em outro lugar.

A globalização é, além da prolongação, um desdobramento da arte. A arte “global”, para Bourriaud (2011, p. 168), não depende de uma diferença cultural, mas sim dos níveis de desenvolvimento econômico. “A globalização é econômica. Ponto. A arte apenas segue seus contornos [...]”. Conforme o autor, a arte está mais ligada com o capitalismo do que com a própria cultura.

A arte globalizada permite um repertório de pluralidades e funciona como multiculturalismo. Não que as culturas irão se fundir em uma só: formação de amálgama. Mas podem coexistir pacificamente cada uma com suas propriedades e transitar pelo espaço global. Nas palavras de Bourriaud (2011, p. 170), um bom artista precisa “testemunhar sua ‘identidade cultural’”. Por isso mesmo, o campo da Arte Contemporânea fornece oportunidades de se inserir no centro do circuito global – não que este caminho seja fácil. A identidade do trabalho de um artista, por outro lado, só consegue se integrar no sistema central da arte quando deixa seu país de origem: a periferia. Isto é um fato segundo o autor.

Porém, estes desdobramentos causados pela política da globalização parecem ameaçar a identidade cultural. A multiplicidade de estilos e dos códigos culturais produz a impressão da perda desta identidade. Entretanto, Hall (2006, p. 78) diz que “parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’”. Para o autor, na medida em que um artista passa a circular na esfera da arte global, sua identidade local é reforçada. Hall (2006, p. 69) descreve as consequências destes aspectos da globalização sobre as identidades culturais, examinando três possíveis consequências:

- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-moderno global".
- As identidades nacionais e outras identidades "locais" ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

A Arte Contemporânea gera fraturas ou dobras como mencionamos. No entanto, estas rupturas, em seu âmbito, não são resolvidas e nem pretendem ser. O que se torna interessante é o processo de colagem que cada artista produz na composição da esfera da multiplicidade da arte globalizada.

* * *

Enfim, a esfera da Arte Contemporânea, portadora de diferentes estruturas ou ausência delas, possui dimensões fragmentadas e poderia ser constituída a partir de incontáveis prefixos tais como: (des)materializar, (des)orientar, (des)apropriar. A descontinuidade, o deslocamento e o desdobramento da Arte Contemporânea, aspectos do foco do texto, visam demonstrar parte dos aspectos subversivos encontrados na arte atual: a falta de uma narrativa, a semelhança dos objetos funcionais com os estéticos, o rompimento de fronteiras e a instauração da prática artística como modelo universal. A Arte Contemporânea talvez esteja justamente buscando dar conta da veloz fração das massas e a partir do elemento de controverter, que é tão característico, torna-se insuficiente no “choque de partículas” que gera novas perspectivas. Nessa empreitada, os conteúdos apresentados por teóricos e pensadores, acerca dos pontos discutidos, também podem ser considerados insaciáveis, o que comprova que a arte presente suscita

uma ânsia muito maior que qualquer teoria possa resolver. Deixar o discurso entreaberto é justamente o que a Arte Contemporânea aponta como fórmula.

Nota

¹ Texto escrito por Walter Benjamin em 1936 e publicado em 1955.

Referências

AUMONT, Jacques. **O olho interminável [cinema e pintura]**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 266 p.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 272 p.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 448 p. (Coleção Cosac Naify Portátil, 9)

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: GRÜNNEWALD, José Lino. **A ideia do cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. (Coleção Os pensadores)

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante: por uma estética da globalização**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 192 p.

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus, 2006. 292 p.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2003. 284 p.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo: Edusp, 2012. 260 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 348 p.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000, 413p.

MAMMÌ, Lorenzo. **O que resta: arte e crítica de arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 380 p.